



CONTOS
de FADAS de

ANDERSEN
VOL. I





CONTOS
de FADAS de

ANDERSEN

VOL. I

Tradução: Karla Lima



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Título original
Hans C. Andersen's Fairy Tales

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Texto
Hans Christian Andersen

Imagens
Gluiki/Shutterstock.com;
johavel/Shutterstock.com;
Voropaev Vasily/Shutterstock.com;
Creative Thoughts/Shutterstock.com;
standa_art/Shutterstock.com;

Tradução
Karla Lima

Revisão
Casa de Ideias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A544c	Andersen, Hans Christian
	Contos de Fadas de Andersen Vol. I / Hans Christian Andersen ; traduzido por Karla Lima. - Jandira, SP : Principis, 2020. 192 p. ; 16cm x 23cm. - (Literatura Clássica Mundial)
	Tradução de: Hans Christian Andersen's Fairy Tales Inclui índice. ISBN: 978-65-555-2019-4
	1. Literatura infantil. 2. Contos de fadas. 3. Hans Christian Andersen. I. Lima, Karla. II. Título. III. Série.
2020-914	CDD 028.5 CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

1. A AGULHA DE CÔSTURA.....	7
2. A ARCA VOADORA.....	11
3. A BORBOIETA.....	17
4. A CANETA E O TINTEIRO.....	20
5. A CASA VELHA.....	23
6. A FAMÍLIA FELIZ.....	32
7. A FIOR DA ERVIHA.....	36
8. A GAROTINHA DOS FÓSFOROS.....	40
9. A GOTA DE ÁGUA.....	43
10. A MACIEIRA ARRÓGANTE.....	45
11. A MÃE DO SABUGUEIRO.....	49
12. A MARGARIDA.....	58
13. A PASTORA E O ESCOVÃO DE CHAMINÉS.....	63
14. A PATA PORTUGUESA.....	69
15. A PEQUENA SEREJA.....	76
16. A POLEGARZINHA.....	100
17. A PRINCESA DE VERDADE.....	112
18. A RAINHA DA NEVE.....	114
19. AS CEGONHAS.....	145
20. AS FLORES DA PEQUENA IDA.....	151
21. AS ROSAS E OS PARDAIS.....	159
22. AS ROUPAS NOVAS DO IMPERADOR.....	170
23. CADA COISA EM SEU DEVIDO LUGAR.....	176
24. HISTÓRIAS DO SOL.....	185
25. O DUENDE E O COMERCIANTE.....	189



A AGULHA DE COSTURA

Era uma vez uma Agulha de Costura que se achava tão importante e fina que chegou à conclusão de que deveria ser usada para bordar.

– Prestem atenção e me segurem bem firme – ela disse aos Dedos que a seguravam. – Por favor, não me percam. Se eu cair no chão, com certeza vou me perder, pois sou muito fina.

– Você está sendo convencida – responderam os Dedos, enquanto a apertavam com força no centro.

– Até tenho uma cauda, não estão vendo? – a Agulha de Costura falou, arrastando uma longa linha atrás de si; porém era uma linha sem nó na ponta.

Os Dedos pressionaram a ponta da Agulha em um chinelo do qual a aba de couro tinha se soltado e precisava ser costurada de volta. O chinelo pertencia a uma cozinheira.

– Isto é uma tarefa muito grosseira! – a Agulha protestou. – Nunca vou sair viva deste trabalho! Aí está, estou me partindo! Estou quebrando! – e, de fato, ela quebrou. – Eu não falei? – disse a Agulha. – Sou delicada demais para um serviço assim.

– Agora ela ficou inutilizada – os Dedos disseram, enquanto seguravam os dois pedaços.

Mas a cozinheira veio, derramou um pouco de cera derretida em cima da agulha e assim a colou de novo; depois, espetou a agulha recuperada no lenço que trazia amarrado no pescoço.

– Vejam, agora eu sou um broche! – a Agulha de Costura exclamou.
– Eu sabia que chegaria a uma posição de destaque. Quando se é importante, sempre se chega mais longe. O sucesso tarda, mas não falha.

Ao dizer isso, ela riu; mas só por dentro, claro, pois ninguém consegue ver quando uma Agulha de Costura dá risada. Então agora lá estava ela, muito à vontade, orgulhosa como se estivesse em uma carruagem real, observando tudo ao redor.

– Posso tomar a liberdade de perguntar se você é feito de ouro? – ela perguntou ao alfinete, seu vizinho. – Sua aparência é esplêndida, e que cabeça admirável, apesar de pequena. Você deveria fazer o possível para crescer; claro que nem todo mundo pode ter cera derramada sobre si.

A Agulha de Costura se empertigou tanto em seu orgulho que acabou caindo do lenço; foi parar dentro da pia, que a cozinheira estava usando bem nesse momento.

– Agora vou viajar – a Agulha falou. – Só espero não me perder.
Mas perder-se foi exatamente o que aconteceu a ela.

– Sou delicada demais para este mundo – suspirou, ao se encontrar na sarjeta. – Mas eu sei quem sou, e nisso sempre há algum prazer.

Foi assim que a Agulha de Costura manteve sua postura orgulhosa e não perdeu nada do bom humor. Todo tipo de coisa passou por ela: lascas, pedaços de palha, restos de jornais velhos.

– Vejam só como passam boiando – a Agulha disse para si mesma.
– Mal sabem eles acima de quem estão passando, apesar de ser acima de mim. E aqui ficarei, bem firme. Lá vai uma lasca! Ela não pensa em nada neste mundo, a não ser em lasca; não pensa em nada além de si mesma! E agora vem uma palha; observem como rodopia. Pense em algo além de si mesma, palha, ou vai acabar batendo em uma pedra. E agora é um pedaço de jornal que vem vindo. O que está escrito nele já foi esquecido há muito tempo, mas mesmo assim ele se abre e se espalha e se dá ares de grande importância. Eu, porém, continuo sentadinha aqui, quieta e paciente. Sei o que sou e o que continuarei a ser; sempre.

Um dia, passou por ela algo que resplandecia lindamente. Ela pensou que fosse um diamante, mas na verdade era apenas um caco de vidro de uma garrafa. Só porque brilhava muito, a Agulha de Costura se dignou a conversar, apresentando-se como broche.

CONTOS DE FADAS DE ANDERSEN

– Você é um diamante, eu suponho – ela falou.

– Bem, sim, algo do tipo.

Assim, cada um achava que o outro era algum tipo de artefato raro e caro; eles começaram a conversar sobre o mundo, criticando como todos eram convencidos.

– Sabe – contou a Agulha –, eu morava na caixa de costura de uma jovem dama que, por acaso, era cozinheira. Ela tinha cinco dedos em cada uma das mãos, e coisa mais orgulhosa e arrogante do que aqueles cinco dedos, eu nunca vi. Apesar disso, eles só estavam lá para me retirar e colocar na caixa.

– E esses dedos eram de linhagem nobre? – perguntou o Caco de Vidro. – Eles brilhavam?

– Nem um pouco, mas mesmo assim eram prepotentes – respondeu a Agulha de Costura. – Eram cinco irmãos de cada lado, todos da família Dedos. Eles se enfileiravam muito orgulhosos lado a lado, apesar de terem alturas muito diferentes. O mais afastado, chamado Polegar, era baixo e gordo; em geral não se alinhava com os outros, ficava um pouco à frente; tinha uma única articulação e só conseguia se dobrar uma vez, mas dizia que, se fosse cortado de um homem, este homem seria dispensado do serviço militar. Indicador, o segundo, colocava-se à frente em todas as ocasiões, metia-se no doce e no salgado, apontava para o Sol e a Lua, e, quando os dedos escreviam, era ele que apertava a caneta. Médio, o terceiro irmão, conseguia enxergar por cima da cabeça dos outros e se achava todo importante por causa disso. Anelar, o quarto, andava por aí com um círculo de ouro na cintura. O dedo Mínimo, que eles chamavam de Mindinho, não fazia nada da vida, e acho que se orgulhava disso. Não tinha nada para fazer, a não ser ficar ouvindo os elogios que faziam a si próprios, e foi por isso que me retirei.

– E agora nós dois estamos aqui, juntos e brilhando – disse o Caco de Vidro.

Bem nessa hora, um pouco de água correu pela sarjeta e levou embora o Caco de Vidro.

– Então ele partiu – disse a Agulha de Costura –, enquanto eu permaneci. Fui deixada para trás por ser muito esguia e gentil. Mas este é meu orgulho, e orgulho é uma coisa nobre.

E orgulhosamente ela continuou sentada, refletindo.

– Eu quase chego a acreditar que nasci de um raio de sol, de tão delicada que sou. É como se os raios de sol estivessem sempre me procurando aqui debaixo d’água. Ah, pobre de mim, sou tão fina que nem mesmo minha mãe conseguiria me achar. Se eu ainda tivesse meu antigo olho, que se partiu, acho que iria até chorar; não, não iria não. Chorar não é elegante.

Certo dia, dois meninos estavam vasculhando a sarjeta em busca de pregos, moedas e coisas assim. Era nojento, mas eles pareciam estar se divertindo muito.

– Ai! – um deles gritou, ao se espetar com a Agulha de Costura.

– Aqui tem um troço pra você.

– Eu não sou um troço, sou uma jovem senhorita! – reclamou a Agulha de Costura, mas ninguém escutou.

A cera usada no conserto tinha se desgastado e a Agulha havia ficado preta. “Mas preto faz a gente parecer mais magra e sempre cai bem”, ela pensou, julgando-se mais elegante do que nunca.

– Lá vem uma casca de ovo descendo a corredeira – os meninos falaram, e jogaram a Agulha de Costura dentro.

A Agulha então falou:

– Uma dama de preto cercada de paredes brancas! Isso é fabuloso! Agora todos vão reparar em mim. Só espero não ficar mareada, pois perderia toda a classe.

Mas o receio era infundado; ela não se sentiu enjoada nem perdeu a pose.

– Nada é tão bom para evitar o enjoo quanto ter um estômago de aço e manter em mente que se é um pouquinho superior às pessoas comuns. Minha náusea passou totalmente. Quanto mais gentil e honrada uma pessoa é, mais ela consegue suportar.

Então veio uma carroça, passou por cima e a casca de ovo ficou espatifada e esmigalhada. Foi um milagre que a Agulha não tenha se partido.

– Misericórdia, que peso esmagador! – ela disse. – Acho que vou ficar enjoada, afinal. Acho que vou quebrar!

Mas ela não enjoou e não quebrou, apesar de as rodas da carroça terem passado por cima dela. A Agulha de Costura ficou achatada no chão, e vamos deixá-la ali mesmo.



A ARCA VOADORA

Era uma vez um comerciante que era tão rico que poderia pavimentar uma rua inteira com ouro, e mesmo assim sobraria o suficiente para mais uma alameda curta. No entanto, ele não fez isso, pois conhecia o valor do dinheiro e não o desperdiçaria dessa forma. Ele era tão inteligente que de cada centavo fazia uma cédula, e assim foi enquanto viveu.

O filho herdou sua fortuna e tratou de aproveitar. Ia a festas todas as noites, construía pipas com notas de cinco e, em vez de jogar pedrinhas no mar, atirava moedas de ouro. Era um esbanjador.

Assim, logo perdeu todo o dinheiro, até não lhe restar nada, a não ser um par de chinelos, um camisolão de dormir e quatro centavos. Os antigos amigos o abandonaram, não queriam mais ser vistos andando na rua em sua companhia; porém um deles, que tinha bom coração, certo dia lhe mandou uma velha arca de presente, com o seguinte bilhete: “Faça as malas!”.

– É um bom conselho dizer “faça as malas” – ele falou.

Mas não lhe restava nada para colocar na arca e, assim, ele mesmo se sentou lá dentro. A arca era muito especial, pois bastava alguém pressionar o fecho e ela levantava voo. Ele fechou a tampa, apertou a fechadura e a arca saiu voando pela chaminé, carregando o homem até as nuvens. Cada vez que o fundo da arca rangia, ele ficava com muito medo, pois, se as tábuas se soltassem, ele daria cambalhotas enormes até

chegar às árvores. Mas nada disso aconteceu, e ele chegou em segurança à Turquia. Ele escondeu a arca em um bosque, debaixo de umas folhas secas, e partiu para a cidade. Depois, se misturou perfeitamente à população, pois entre os turcos é normal as pessoas passearem por aí usando camisolões e chinelos, exatamente como ele estava.

Cruzando por acaso com uma babá e uma criancinha, ele perguntou:

– Diga-me, cara babá turca, que castelo é aquele perto da cidade, com janelas tão distantes do chão?

– Lá vive a filha do sultão – a moça respondeu. – Segundo a profecia, ela vai sofrer muito por causa de um amor, e por isso ninguém tem permissão para visitá-la a menos que o rei e a rainha estejam presentes.

– Obrigado.

Em seguida, o filho do comerciante voltou ao bosque, entrou na arca, voou até o telhado do castelo e entrou, pela janela, no quarto onde a princesa estava dormindo. Ela acordou e ficou muito assustada, mas o rapaz lhe disse que era um anjo turco que tinha descido do céu para visitá-la. Isso agradou bastante a princesa. Ele sentou ao lado dela e começou a conversar; disse que seus olhos eram como dois lindos lagos escuros, nos quais os pensamentos nadavam como pequenas sereias, e que sua testa era uma montanha nevada que continha admiráveis salões repletos de quadros. Contou a ela a lenda da cegonha, que traz os bebês do rio e entrega aos pais. A princesa ficou encantada com a história e quando ele perguntou se ela se casaria com ele, a moça concordou imediatamente.

– Mas você precisa voltar no sábado, quando meus pais vêm tomar chá comigo – ela disse. – Eles vão ficar muito orgulhosos quando souberem que vou me casar com um anjo turco. Mas você precisa pensar no que vai contar, pois eles gostam de ouvir histórias mais do que qualquer outra coisa. Minha mãe prefere as que têm profundidade e uma moral no fim, mas meu pai gosta mais das engraçadas, das que o fazem rir.

– Muito bem, eu voltarei trazendo como presente apenas histórias – respondeu ele.

E assim se despediram, mas, antes, a princesa deu ao rapaz uma espada cravejada de moedas de ouro, e elas poderiam ser muito úteis para ele.

O filho do comerciante voou até a cidade, comprou um camisolão novo e depois foi para o bosque, onde escreveu a história que seria lida no sábado seguinte. Não foi nada fácil, mas ficou pronta quando foi visitar a princesa no dia marcado. O rei, a rainha e toda a corte estavam no chá com a princesa, e ele foi recebido com grande cortesia.

– Conte-nos uma história – a rainha pediu. – Uma que seja instrutiva e cheia de ensinamentos.

– Sim – acrescentou o rei –, mas que também seja um pouco cômica.

– Certamente – ele respondeu.

Logo começou, pedindo que todos ouvissem com atenção:

– Era uma vez um pacote de palitos de fósforo que tinha muito orgulho de sua origem nobre. A árvore genealógica deles, isto é, o grande pinheiro de onde tinham sido cortados, havia sido, em sua época, uma árvore importante no bosque. Os palitos de fósforo estavam agora entre uma pederneira e uma velha panela de ferro, e conversavam sobre a juventude de cada um. Os fósforos começaram: “Ah, naqueles dias, nós crescíamos em galhos verdinhos, e toda manhã e toda tarde matávamos a sede com gotas de orvalho. Sempre que o Sol brilhava, sentíamos o calor de seus raios, e passarinhos nos contavam histórias cantando. Nós sabíamos que éramos ricos, pois as outras árvores só vestiam roupas verdes no verão, enquanto nossa família podia se exibir em lindos trajes verdejantes tanto no verão quanto no inverno. Mas um dia veio o lenhador e foi uma tragédia: nossa família tombou sob o machado. O chefe da casa conseguiu um posto de mastro principal em um barco muito elegante e navega pelo mundo. Outros galhos da família foram levados para diferentes locais, e nosso ofício, agora, é fazer fogo para pessoas comuns. É assim que pessoas nascidas em berço de ouro acabam seus dias em uma cozinha”.

E o anjo turco continuou:

– A próxima a falar foi a panela de ferro que estava ao lado dos fósforos. “Meu destino foi muito diferente”, ela disse. “Desde minha chegada ao mundo, venho sendo usada para cozinhar e ser limpa depois. Sempre pensam primeiro em mim quando precisam de uma coisa sólida ou útil. Meu prazer é ser esfregada e areada após o jantar, e depois ficar no meu

canto conversando sensatamente com meus vizinhos. Todos nós, exceto o balde de água, que às vezes é levado ao pátio, vivemos juntos aqui entre as quatro paredes desta cozinha. Recebemos notícias por meio da sacola de compras, que vai ao mercado, mas ela às vezes nos conta coisas muito ruins sobre o povo e o governo. Sim, tanto que outro dia um pote velho ficou tão alarmado que caiu e se quebrou.” Mas a pederneira a repreendeu: “Você fala demais”, e começou a raspar a pedra no metal até que faíscas começaram a voar. “Afinal, queremos uma noite agradável, não queremos?” “Sim, claro”, responderam os fósforos, “vamos falar sobre os que nasceram em berço esplêndido”. Mas a panela discordou: “Não, eu não gosto de sempre conversar sobre o que somos. Vamos pensar em outra diversão. Eu começo. Cada um vai contar algo que aconteceu; isso vai ser fácil e interessante também. No Mar Báltico, perto da costa da Dinamarca...”

E o filho do comerciante prosseguiu:

– Os pratos se aliaram à panela e comentaram: “Oh, que belo começo! Vamos gostar desta história, com certeza”. A panela de ferro então começou: “Sim. Bem, na minha juventude, eu morava com uma família muito tranquila, em uma casa onde, a cada quinze dias, os móveis eram lustrados, o chão era esfregado e as cortinas eram lavadas”. A vassoura comentou: “Que modo interessante você tem de contar uma história! Bem se vê que circulou nas altas rodas da sociedade, pois o que você diz transmite muita pureza”. “Sim, é verdade”, acrescentou o balde de água, e soltou uns borrifos que molharam o chão. E assim a panela continuou a história, e o fim foi tão bom quanto o começo. “Os pratos tremelicaram de prazer; a vassoura recolheu um pouco da salsinha varrida e com ela coroou a panela, sabendo que isso ia irritar os outros e refletindo: ‘Se eu a coroar hoje, amanhã será ela a me coroar’”. Em seguida, falaram as pinças de remexer as brasas: “Vamos dançar”, e começaram a esticar uma das pernas para o alto, de um jeito que até a poltrona no canto explodiu em uma gargalhada. “Vamos ganhar uma coroa também?”, perguntaram as pinças, e a vassoura foi buscar mais salsinha para fazer uma coroa. “No fim, são só gente bem comum”, pensaram os fósforos.

O rei, a rainha, a princesa e todos os nobres da corte continuavam prestando atenção à história.

– Pediram que a chaleira cantasse, mas ela disse que estava resfriada e não conseguiria cantar a menos que houvesse algo fervendo dentro dela. Todos pensaram que aquilo era uma grande afetação, assim como julgavam uma afetação que ela nunca quisesse cantar, a não ser na sala de visitas, quando estava na mesa diante de gente fina. Perto da janela ficava uma velha caneta com bico de pena com a qual a menina escrevia. Não havia nada de especial na caneta, a não ser o fato de ter sido mergulhada muito fundo na tinta, mas ela tinha orgulho disso. “Se a chaleira não quer cantar, não precisa”, disse a caneta. “Tem um rouxinol em uma gaiola aqui do lado de fora, e ele canta. Não é um canto maravilhoso, mas por esta noite é suficiente.” Porém o bule, que era o cantor da cozinha e meio-irmão da chaleira, discordou: “Acho altamente impróprio que um pássaro estrangeiro seja ouvido aqui. Não me parece patriótico, o que acham? Vamos deixar que a sacola de compras decida o que é certo”. E a sacola falou: “Estou irritada, muito irritada por dentro, mais do que qualquer um pode imaginar. Estamos passando a noite do melhor jeito? Não seria mais sensato arrumar a casa? Se cada um fosse para seu devido lugar, eu proporia um jogo, e aí sim, como seria diferente!”. “Vamos encenar uma peça!”, disseram todos, e bem nessa hora a porta se abriu e a menina da casa entrou. Ninguém mais se mexeu, ficaram todos calados e imóveis, apesar de não haver entre eles um único pote que não tivesse uma opinião boa de si mesmo e do que conseguiria fazer, se quisesse. Estavam todos pensando: “Sim, se tivéssemos decidido bem, poderíamos ter passado uma noite muito agradável”.

A história estava se aproximando do fim.

– A menina riscou os fósforos; com que clarão eles acenderam e com que força pegaram fogo! Então eles pensaram: “Muito bem, agora todos vão ver que somos os maiores, como brilhamos e iluminamos”, porém, enquanto pensavam nisso, a chama se apagou.

– Que história ótima! – exclamou a rainha. – Sinto-me como se estivesse na cozinha e pudesse enxergar os fósforos. Sim, você deve se casar com a nossa filha.

– Certamente tu receberás a mão da princesa – completou o rei usando “tu” porque em breve o rapaz seria da família.